

OVERWATCH®

O QUE VOCÊ DEIXOU PARA TRÁS



UM CONTO DE ALYSSA WONG

O QUE VOCÊ DEIXOU PARA TRÁS



UM CONTO
ALYSSA WONG

ILUSTRAÇÕES
ARNOLD TSANG

MODELO MÉDICO DE BAPTISTE
NATHAN BROCK

MODELO ORIGINAL DE BAPTISTE
HONG-CHAN LIM

CONCEITO ORIGINAL DE BAPTISTE
BEN ZHANG

LAYOUT E DESIGN
BENJAMIN SCANLON

LOCALIZAÇÃO
RAPHAEL QUINTÃO





O QUE VOCÊ DEIXOU PARA TRÁS

“Respira bem fundo para mim”, disse Baptiste. Madame Thebeau, que, apesar dos seus setenta anos, continuava astuta como nunca, estava sentada na mesa de exame. Ela usava chinelos, e seus pés não alcançavam o chão. Baptiste colocou o diafragma do estetoscópio nas costas da senhora e a escutou respirar. “Muito bom, muito bom.”

“Alguma coisa chamou sua atenção, mocinho?”, perguntou ela enquanto endireitava a coluna. Ao cruzar com o olhar de Baptiste, Thebeau deu uma piscada.

“Nada de mais. Parece que está tudo em ordem.” Baptiste enrolou o estetoscópio e estendeu a mão para ajudá-la a descer da mesa. Hoje ele estava todo vestido de branco, pronto para clinicar. “Em uma ou duas semanas, vão chegar os resultados dos exames. Quando eles chegarem, a Dra. Mondésir liga para você. Ou você prefere que eu peça para ela ligar para o seu sobrinho?”

“Eu tenho celular. Ela pode ligar direto para mim.” Madame Thebeau se esticou, fazendo as pulseiras coloridas que usava baterem umas nas outras. Ela pegou a mão de Baptiste e deslizou para fora da mesa de exame, caindo de pé no chão de linóleo. “Você também pode me ligar avisando, apesar de eu não ter o seu número.”

Baptiste a acompanhou até o corredor fora da sala de exame. “Infelizmente vou sair da cidade muito em breve, então não poderei dar continuidade ao tratamento da senhora. Mas a Dra. Mondésir é uma ótima profissional e cuidará bem da sua saúde.” Ele a acompanhou até o recepcionista mal-encarado e voltou para o corredor.

A pequena clínica estava lotada. Um fluxo constante de pacientes mantivera as duas salas de exame cheias o dia inteiro. Apesar de já estar no fim da tarde, várias pessoas lotavam a sala de espera de paredes amarelo vibrante, sentadas em cadeiras plásticas. Um ar-condicionado barulhento se ouvia ao fundo.

De óculos, cabelo preso em forma de coque e com uma prancheta na mão, a Dra. Mondésir surgiu de dentro da segunda sala de exames. A aparência serena dela contrastava com a agitação da clínica. Ela olhou para Baptiste. “Como foi com a Madame Thebeau?”

Baptiste se apoiou na parede. “Ela parece saudável. Pressão sanguínea normal, pulmões sem chiado, nenhum problema com os reflexos. Coloquei tudo na ficha dela.”

“Ela pediu o seu número?”

Baptiste suspirou. “É, pediu.”

A Dra. Mondésir deu um sorriso e colocou a prancheta debaixo do braço. “Sabia. E o que você falou?”

“Falei a verdade. Disse que eu ficaria na cidade por pouco tempo e que você continuaria cuidando dela.” Baptiste olhou para a sala de espera. Madame Thebeau estava sentada jogando tranquilamente um joguinho no celular enquanto aguardava o sobrinho vir buscá-la. Do outro lado da sala, alguns adolescentes também estavam mexendo cada um em seu celular, o que fazia Baptiste imaginar se não estariam todos jogando juntos.

“Ah, mas eu não sou musculosa que nem você, Jean-Baptiste”, disse a Dra. Mondésir dando dois tapinhas no braço dele. Ela deu um sorrisinho de canto de boca e seguiu para a mesa da recepção balançando o jaleco enquanto andava. “Que pena que você vai embora na sexta. Essa é a visita mais longa que você faz em anos.”

Eles haviam crescido juntos em um orfanato perto de Porto-da-Paz. Ela fizera um bem a si mesma e entrou na faculdade de medicina, enquanto Baptiste optou por servir à Coalizão Caribenha. O sonho de infância deles era construir uma clínica para as pessoas da vizinhança. Baptiste tinha separado parte de suas economias para realizar esse sonho. Hoje em dia ele continuava mandando dinheiro para a clínica sempre que podia.

“Você sabe que eu não posso ficar muito tempo num mesmo lugar”, disse Baptiste. Não com a Talon atrás de mim, ele quis completar, mas não foi necessário. Baptiste seguiu a doutora até a estante de livros atrás da mesa de recepção. Era lá que todos os registros da clínica ficavam. Apesar do sistema digital, Mondésir ainda preferia ter tudo impresso. Ela preferia essas coisas à moda antiga. “Vai uma ajuda aí?”, ele perguntou ao vê-la ficando na ponta dos pés para alcançar alguma coisa na prateleira do topo.

“Não fica aí se achando”, respondeu ela, puxando um fichário vermelho. Na lombada tinha escrito um ano na cor preta.

“Só estava oferecendo meu corpo musculoso”, brincou Baptiste. Ele a observou franzir o cenho enquanto folheava o fichário. “Algum problema aí?”

Ela olhou de relance para a sala de espera lotada e respondeu baixinho: “Você pode dar uma olhada no gabinete de suprimentos para mim?”

Baptiste conferiu o papel e percebeu que era uma lista de inventário. Ele já havia conferido os suprimentos mais cedo e não tinha gostado do que viu. Cestas plásticas com apenas alguns frascos, caixas com amostras antigas. Prateleiras vazias demais. “Deixa comigo. Do que você precisa?”

“De tudo”, ela respondeu sussurrando enquanto fechava o fichário. Ela colocou o fichário de volta na estante e começou a passar o dedo por uma pilha de pastas no fundo da prateleira. “Mas agora mesmo eu só preciso é saber o que temos. Se não for muito trabalho para você...”

Baptiste colocou a mão no ombro dela: “Roseline, o que está acontecendo?”, disse ele em tom baixo. “A clínica está ficando sem dinheiro?”

“Hoje em dia não está fácil para ninguém, mas o problema é que a Sainclair Pharmaceuticals não para de aumentar os preços. A gente já mal conseguia comprar os medicamentos antes, agora então ficou impossível”, respondeu Mondésir. Ela massageou entre as sobrancelhas, onde continuava a franzir a testa. “Chega a ser criminoso. Já veio gente aqui com complicações por tomar pilulas falsas. Ninguém sabe o que tem nessas pilulas. As pessoas têm que escolher entre sofrer sem os remédios ou se arriscar com uma coisa que talvez dê certo...”

“Que bela escolha, hein?”, concluiu Baptiste. Ele olhou para as pessoas aguardando atendimento pacientemente na sala de espera. Não poder ajudar aqueles com quem você se importa é extremamente doloroso. Ele havia aprendido essa lição cedo na vida. “Tem alguma coisa que eu possa fazer para ajudar?”

Mondésir sorriu. Ela parecia muito cansada. “Só se você tivesse uma varinha de condão. Gente como o Vernand Sainclair não muda nem quando o bem-estar do povo delas está em risco.”

“Se a Overwatch ainda existisse, esse cara seria expulso da cidade”, resmungou o recepcionista. Ele era jovem, mal tinha saído da adolescência, e parecia tão exausto quanto a Dra. Mondésir. Baptiste tentou imaginar há quanto tempo a clínica passava por essa dificuldade.

“Como eu disse, só com mágica”, disse a Dra. Mondésir de forma seca.

Uma adolescente do grupo encostado na parede ajustou a postura: “Eu ouvi falar que a Overwatch voltou.” Os outros adolescentes olharam para ela. Eles haviam crescido tão rápido enquanto Baptiste esteve fora. Baptiste se lembrou da última vez que visitara a cidade. Naquela época, eles eram crianças, ainda no primário, e gostavam de correr pela vizinhança. Quatro anos atrás, pouco antes de ele deixar a Talon.

Baptiste se apoiou no balcão. “Ah, é? E onde foi que você ouviu isso, Esther?”

Esther deu de ombros e voltou a olhar para o celular. “Está na internet em vários cantos, é só saber procurar.”

“Nem tudo que está na internet é verdade”, respondeu Baptiste com um sorriso. Mas ele entendia Esther. Quando jovem, ele também sonhara com a Overwatch. Ele acreditava em grandes heróis, como os da TV e os dos cartazes de recrutamento, que mantinham a paz e protegiam as pessoas ao redor do mundo.

Ele já quisera ser um herói também. Por isso entrou para a Coalizão Caribenha e se tornou médico. Mas a Overwatch nunca foi ao Haiti. E quando a organização se desfez, Baptiste já tinha desistido desse sonho. Havia muitos jeitos de ajudar as pessoas, e nem todos eles eram tão fáceis quanto ser modelo de um cartaz.

“Esther, parece que você é a próxima. Vamos pra sala de exame A”, disse Baptiste. Esther se levantou e bateu a poeira do short. Na alça da bolsa dela havia um desenho do símbolo da Overwatch feito com caneta permanente. Ao notar Baptiste olhando para o desenho, Esther cobriu o símbolo com a mão e olhou para o outro lado.



Já era noite quando Baptiste saiu da clínica. Ele insistiu em ficar até que todos os pacientes fossem atendidos. Assim pega mal pra mim, afirmara a Dra. Mondésir de forma áspera. A ironia é que ela mesma viraria a noite trabalhando se fosse necessário. É bom ter um par de mãos extra.

Era trabalhando duro para ajudar as pessoas da vizinhança que Baptiste se sentia bem. Ele percebeu o quanto sentira falta da cidade natal enquanto andava pela rua. Sentira falta do canto das cigarras, do ar úmido do verão, do maravilhoso cheiro do griot de porc das barracas de comida nas esquinas. Ele sentira falta de tudo. Depois de sair do Haiti, e da Talon, Baptiste viajara o mundo, nunca ficando por muito tempo em um mesmo lugar, mas sempre acabava voltando para Porto-da-Paz.

Essa é a visita mais longa que você faz em anos.



Às vezes ele pensava que gostaria de ficar, mas seria perigoso para ele e para as outras pessoas, como Roseline e Madame Thebeau. Quanto mais tempo ele ficasse em um lugar, mais fácil seria de ele ser rastreado. E, se a Talon o achasse, aquele pessoal não se preocuparia nem um pouco em evitar danos colaterais.

“Não faz sentido eu desperdiçar o tempo que me resta”, disse pensando em voz alta enquanto olhava para as estrelas. O céu parecia um cinturão preto correndo por entre os prédios de paredes brancas. A lua, que estaria cheia não fosse por um pedacinho que se escondia, brilhava. “Ainda mais numa noite tão bonita assim.”

Baptiste rumou para o seu bar favorito, o Lefort’s. Era um lugar muito frequentado, e o dono, Monsieur Lefort, o conhecia desde criança. Ele era um homem alegre e amigável que sempre dava suco de papaia para Baptiste e Roseline nos dias quentes de verão. As pessoas iam para o Lefort’s para desestressar.

Mas hoje tinha alguma coisa errada. Apesar do horário de pico, o Lefort’s estava quase vazio. Somente duas pessoas estavam sentadas no bar. Uma delas era um homem de proporções gigantescas cheio de tatuagens. Ele estava vestido como um turista típico: blusa florida, bermuda e óculos escuros. Tinha o cabelo preto com uma mecha branca parecendo um raio no céu noturno.

“Qual é o nome desse negócio aqui?”, ele perguntava a M. Lefort, que estava preso do lado de dentro do balcão. O sujeito segurava um coquetel colorido enfeitado com uma orquídea. O copo parecia minúsculo naquelas mãos enormes. Da última vez que Baptiste vira aquelas mãos, elas tinham acabado de estrangular um homem com armadura de combate e tudo. “É uma delícia. Sério mesmo, bom demais da conta. O que você acha, Nguyen?”

O outro homem, um vietnamita magro e muito bem-vestido, olhou para Baptiste por cima do ombro. Na frente dele, em cima do balcão, um chapéu-panamá. “Até que enfim”, disse ele com a voz calma. Uma voz fria e seca que Baptiste ouvira a cada sessão de instruções antes das missões. “Espero que valha a pena, Mauga.”

O homem gigante se virou. Olhou para Baptiste e abriu um sorriso largo. “Opa, e aí, meu velho?”, disse, fazendo os pelos da nuca de Baptiste arrepiarem. “Você não achou que ia conseguir fugir da gente pra sempre, né?”



Quatro anos atrás:

Eles chegaram em Monte Cristi ao amanhecer. As hélices da nave de transporte cortavam rapidamente o ar enquanto a nave descia na praia. Dentro dela, Baptiste sentava com o rifle apoiado nos joelhos e os ombros colados com o resto do esquadrão. A movimentação da nave os fazia balançar para trás e para frente. De tão acostumado que ele estava, o barulho do motor já tinha virado ruído branco.

“Vocês podem descer”, disse Nguyen. Baptiste ouviu a voz fria feito uma geleira do analista pelo fone de ouvido.

“E aí, meu velho? Tá pensando no quê?” Mauga deu um soquinho no ombro de Baptiste e sorriu. Quando Mauga se inclinou, o colete se abriu um pouco, exibindo a insígnia vermelha da Talon no peito dele. “Deve ser alguma coisa que você não pode falar na frente de gente educada, mas ninguém aqui é educado. Que que tá rolando aí dentro dessa sua cabeça?”

Baptiste sorriu. “Tem mais coisa rolando do que dentro da sua.”

Mauga riu. “Sai fora. Aqui só tem de Shakespeare pra cima”, respondeu Mauga batendo levemente com o indicador na cabeça.

Mauga gostava de se fingir de brutamontes estúpido, mas na realidade ele era esperto e perigoso. Baptiste tinha noção disso. Eles haviam se conhecido assim que entraram para a Talon. Baptiste notou Mauga logo de cara. Era difícil não notar. Mauga era muito maior que os outros recrutas, falava rápido e de forma descontraída, sendo o centro das atenções. Ele falava de um jeito com desconhecidos que fazia eles se sentirem como velhos amigos.

Mauga também notou Baptiste. O jeito dele atraiu o haitiano, e o grandalhão decidiu ficar com ele debaixo de sua asa. “Eu sinto que você me entende, Baptiste”, Mauga comentou certa vez. “Cola comigo que a gente vai chegar lá em cima.” Baptiste achou a ideia boa e depois disso os dois se tornaram inseparáveis. Desde então, sempre que estavam em ação, a sincronia da dupla fazia com que parecessem invencíveis.

“Atenção!”, gritou o Capitão Cuerva, o comandante da operação. Ele caminhava lentamente por entre as fileiras de soldados. “O Cartel de Playa está invadindo nosso território. Nossa missão é encontrar e eliminar o líder deles, Daniel Fernández. O serviço de inteligência localizou o esconderijo dele. Nós vamos entrar, extrair o alvo e sair. Entendido?”

“Entendido!”, gritou Baptiste junto com o resto do esquadrão.

Enquanto eles sobrevoavam Monte Cristi, Baptiste foi tomado por uma sensação incômoda que ele não conseguia ignorar. Todos estavam de bom humor, prontos para realizar a operação de modo cirúrgico, mas, por trás das risadas, havia um vazio.

Ou talvez fosse coisa da cabeça dele. As últimas missões tinham sido complicadas, algumas envolvendo civis. Aquilo tinha incomodado Baptiste profundamente. Ele havia se alistado por não ter para onde ir. Depois daquelas últimas missões, ele pensava em sair.

Mas ele sabia que era melhor pensar duas vezes. O único jeito de sair da Talon era num caixão.

A nave de transporte pousou na areia fazendo um barulho surdo. Baptiste sacolejou no assento, agarrando a arma. O impacto o jogou contra o corpanzil de Mauga.

“Tudo pronto.” Baptiste ouviu a voz de Nguyen pelo fone. “Vão.”

As portas se abriram e o Capitão Cuerva se virou para a praia. Pouco adiante, estava a pequena cidade pesqueira, escura e quieta. Nenhuma luz nas janelas. “Vamos!”

Baptiste ficou parado. Mauga parou do lado dele. “Seja lá qual for o motivo da sua preocupação, esqueça. Só faça o que precisa ser feito e receba o dinheiro”, disse Mauga a uma altura que só Baptiste escutaria. Ele ergueu suas duas metralhadoras, cada uma do tamanho de um adulto — mas, nas mãos dele, elas pareciam leves como uma pluma. Os tanques de arrefecimento nas costas do gigante emitiam um fraco brilho. Ele levantou o tom, dirigindo-se a todos dentro da nave: “É hora do show! Quem aí tá pronto pra se divertir?”



“Chega mais, deixa eu te pagar uma bebida”, disse Mauga. Sentou-se à direita de Baptiste, mas, por ser enorme, não conseguiu manter a distância. À esquerda e com olhar frio, Nguyen sentou-se e observou sem esboçar qualquer expressão. “Cara, você quer um desses aqui? Esse trem é absurdo de bom.”

“O que vocês estão fazendo aqui?”, respondeu Baptiste em voz baixa. De onde estava, Baptiste podia contar as saídas do bar: as janelas, a saída pelos fundos da cozinha e a porta da frente. Todas pareciam estar a milhas de distância.

“Como dá pra ver, eu estou curtindo o sol e a brisa fresca do mar”, respondeu Mauga apontando para a própria camisa. A estampa era feita de vários papagaios malfeitos com olhos amarelos horríveis. “Ela me lembra a minha terra natal. O quartel da Talon é muito para baixo. É legal sair de Roma de vez em quando.”

“Você quase nunca fica no quartel”, retrucou Nguyen, cáustico. “E não estamos aqui a turismo nem para socializar.”

Mauga deu de ombros. “Eu só estou tentando aproveitar ao máximo nossa viagem a trabalho. Olha só como ele é, Baptiste. Eu comprei um chapéu pra ele, mas ele não quer usar.”

Nguyen olhou para o chapéu-panamá em cima do balcão com uma expressão de nojo extremo. O vietnamita tinha uma marca vermelha de queimadura de sol de uma ponta a outra do nariz.

Mauga envolveu Baptiste com o braço e colocou a mão no ombro dele. A mão pesada de Mauga fez Baptiste ficar sem ar. “Mas enfim, a gente estava aqui na cidade para fazer um trabalho e eu pensei: ‘Caramba, sabe quem eu não vejo há milênios? O Baptiste! De repente ele aceita tomar umas com a gente em nome dos velhos tempos.’”

Quando o assunto era Mauga ou Nguyen, não existiam coincidências. Baptiste ficara quatro anos fora do radar da Talon. Para Mauga e Nguyen terem-no achado, eles deviam ter feito um esforço fora do normal. Isso era a cara do Mauga. “Falem logo o que vocês querem”, cortou Baptiste.

Mauga se esticou por sobre o balcão, pegando uma garrafa de rum e alguns copos. M. Lefort havia entrado na cozinha e sumido nos fundos. Talvez fosse melhor assim. “Nossa, que frio. Eu não te vejo desde Monte Cristi”, Mauga se virou e fuzilou Baptiste com o olhar.

Monte Cristi. Os gritos, a fumaça, as casas em chamas. Correndo, com os pulmões doendo, Baptiste sabia que precisava fugir dali.

“É, faz um tempinho”, disse Baptiste apoiando os dois cotovelos no balcão. O coração dele batia cada vez mais rápido.

“Quatro anos e você nunca nem mandou uma carta. Você me machucou, parceiro. Machucou bem aqui.” Mauga bateu no próprio peito com tanta força que Baptiste se inclinou para trás. “O que você fez durante todo esse tempo? Partiu corações? Viajou o mundo? Aliás, não fala ainda. A gente vai ter muito tempo pra conversar no caminho de volta pro quartel da Talon.”

“Eu não vou com vocês”, respondeu Baptiste.

“Não estamos pedindo”, disse Nguyen. A voz dele cortou o ar feito uma faca.

Mauga suspirou. “Gentil como um rinoceronte. O que o nosso amigo em comum quis dizer é que você pode até tentar resistir, mas a gente sabe qual vai ser o resultado. E, se acontecesse alguma coisa com você, quem poderia salvar sua clínica? Você tem que ver as coisas por um ângulo mais amplo, Baptiste. Você só precisa cooperar e ajudar a gente num trabalho. Assim, todo o resto se encaixa, pode crer.”

O braço de Mauga pesava no ombro de Baptiste. Devia ter o peso de uma criança. Não tinha como Baptiste correr para alguma saída sem que Mauga o nocauteasse. Baptiste podia sentir as opções sumindo uma a uma. Tinha que haver uma saída, ele só precisava descobrir qual era. “Qual é o trabalho?”, indagou.

Mauga abriu um largo sorriso malicioso. Baptiste conhecia aquele sorriso, era o que Mauga fazia quando achava que tinha vencido. “Você conhece a Sainclair Pharmaceuticals. Eles que vendem os suprimentos para a sua clínica, não é?”

Para a clínica e para todas as outras instituições médicas do Haiti, pensou Baptiste.

“Venderiam, se alguém pudesse pagar o que eles cobram”, disse Nguyen do outro lado de Baptiste. Ele empurrou um dos copos na direção de Baptiste. Vindo de qualquer outra pessoa, esse gesto seria uma gentileza. No entanto, vindo de Nguyen, mais parecia uma ameaça. “Eles não pensam no longo prazo. Quem tem o monopólio controla o mercado, mas, se você aumentar demais o preço, não vai ter ninguém para comprar.”

Mauga ergueu o copo, propondo um brinde, e continuou: “Vernand Sainclair é um homem mau, que nem todos nós. A diferença é que ele anda muito mesquinho ultimamente e não tem pagado à Talon. Ele está ganhando muito dinheiro roubando do seu povo e do nosso. Então a gente vai fazer uma visitinha para ele lembrar a quem ele deve esse sucesso.”

Roseline havia dito que seria preciso uma varinha de condão para fazer Vernand Sainclair mudar de ideia, e a clínica estava precisando desesperadamente de remédios e suprimentos. Baptiste não era uma varinha de condão, mas... "Apertar ele um pouco. Fazer uma pressãozinha", disse Baptiste pausadamente.

Mauga sorriu. "Eu sabia que você ia me entender. A gente achou que ele seria mais receptivo com alguém da região. Alguém conhecido. Se você fizer tudo direitinho, aposto que ele não vai se incomodar de dar tudo que a sua clínica quiser."

Baptiste tomou um gole de rum e pensou nas opções que tinha. Ele nunca havia encontrado Sainclair pessoalmente, mas os dois eram de Porto-da-Paz. Essa podia ser uma chance de conseguir tudo de que a clínica precisava. No entanto, ele conhecia Mauga e Nguyen bem o suficiente para saber que os dois não eram nem um pouco confiáveis.



Eles tinham a vantagem. Eles sabiam onde Baptiste estava e haviam armado uma emboscada. Eles também sabiam da clínica, então, ainda que Baptiste conseguisse correr, Roseline e os outros estariam em perigo. Talvez ele conseguisse dar conta de Nguyen no mano a mano, mas Mauga era um demônio. Lutar contra os dois ao mesmo tempo estava fora de questão.

Baptiste hesitou. Depois, de estômago virado, ergueu o copo e brindou com Mauga. "Vocês não estão me dando muita escolha, mas, já que é assim, estou dentro. Qual é o plano?"

Nguyen entregou-lhe um envelope sem qualquer identificação. "Os detalhes estão aqui dentro. Não abra até chegar a um lugar seguro. Queime depois de ler."

Baptiste esticou o braço para pegar o envelope, mas Nguyen não soltou. Eles se fitaram. "Eu não concordei com o seu envolvimento, Augustin. Eu disse para o Mauga que precisávamos de alguém confiável, mas ele insistiu. Vê se não desperdiça meu tempo", disse Nguyen finalmente soltando o envelope e se endireitando no banco.

Baptiste colocou o envelope no bolso e guardou bem aquelas palavras para um outro momento. "E o que vai acontecer depois da missão?", perguntou. Conosco? Com isso tudo?

Final de contas, o único jeito de sair da Talon era em um caixão.

Mauga sorriu, ainda com o braço pesado no ombro de Baptiste: “Fica tranquilo, parceiro”. Mauga colocou a mão no bolso, puxou um maço de dinheiro e pôs em cima do balcão. Baptiste não precisava contar o dinheiro para saber que ali tinha o pagamento das bebidas daquela noite e talvez até da semana que vem.

O analista saiu primeiro, levantando-se do banco e sumindo no meio da escuridão. Mauga ainda ficou por alguns momentos na porta. Parecia uma montanha iluminada por uma fraca luz laranja. Os mosquitos zumbiam nas lâmpadas penduradas nas vigas do teto.

“Te vejo amanhã bem cedo”, disse Mauga antes de desaparecer na noite.



Tudo estava em chamas. Cambaleante, Baptiste procurava pelos inimigos por entre o fogo. Ele mal conseguia enxergar. A cidade parecia uma zona de guerra. Os soldados da Talon, com os capacetes brilhando em vermelho, moviam-se na fumaça feita fantasmas. Ao redor dele, as casas queimavam e desabavam. Ele só conseguia ouvir barulhos de tiro e os gritos de civis.

Inicialmente, tudo saíra de acordo com o plano. Tinham se infiltrado na cidade e chegado ao esconderijo do Cartel de Playa sem dificuldades. Entretanto, ao chegarem ao quarto do pânico onde estaria Fernández, ele já tinha fugido.

O Capitão Cuerva ordenou que revirassem a cidade até que o alvo fosse encontrado. Então os soldados começaram a arrombar portas e gritar para as pessoas saírem, mas só encontraram civis apavorados. Baptiste achou que a missão tinha sido um fracasso. Frustrado, ele saiu de uma casa para olhar a área.

Foi quando uma aeronave da Talon passou de rasante atirando na cidade.

Monte Cristi foi bombardeada. Baptiste, pego pela primeira explosão, foi arremessado de volta para dentro da casa. Seu capacete foi danificado pelo impacto e o soldado precisou removê-lo. Quando conseguiu ficar de pé, ele notou que a família que morava naquela casa estava presa debaixo de escombros. Com muito esforço, Baptiste conseguiu saltá-los e tentou levá-los para um lugar seguro, mas, ao chegar à rua, percebeu que a cidade inteira estava destruída. Enquanto ele estava distraído, a família recém-resgatada dispersou-se.

“O que está acontecendo? Tem civis aqui no meio do tiroteio!”, gritou pelo fone.

“Assim como você, Tenente Augustin”, respondeu também pelo fone o Capitão Cuerva.

“Mas senhor...”

“Nós temos que dar o exemplo para esses vermes do Cartel de Playa. Eles não querem entregar o Fernández, então vão sofrer as consequências.”

Baptiste viu alguma coisa brilhando ao longe. Os companheiros do esquadrão estavam fazendo uma pilha com os bens das pessoas da cidade. Várias coisas de valor e roupas em cima umas das outras. Todo tipo de coisa, inclusive bens de família, empilhados em caixas. Alguns dos companheiros de Baptiste mexiam na pilha e pegavam coisas para si. O soldado Doubleday estava metendo a mão nas joias, e Mazzei, tacando moedas de coleção nele. Outro soldado, Pacanowsky, jogava maços e mais maços de notas de dois mil pesos no ar, fazendo chover dinheiro no restante do esquadrão. Eles riam e se divertiam.

O ar cheirava a queimado.



OVERWATCH®

O QUE VOCÊ
DEIXOU PARA TRÁS



Baptiste notou uma movimentação rápida à direita. Ele ergueu o rifle rapidamente apontando naquela direção. Era difícil enxergar alguma coisa em meio à fumaça, mas ele conseguiu identificar uma pequena silhueta vindo em sua direção.

“Para trás!”, gritou avançando por entre as chamas.

A silhueta parou e Baptiste conseguiu ver que se tratava de uma menina com um vestido rasgado. Ela segurava uma pedra e olhava para ele com raiva. Ele conseguia ver o próprio reflexo nos olhos da garota, um soldado desconhecido que havia destruído a casa dela.

Baptiste deu um passo para trás enquanto abaixava o rifle. Em seguida ele se virou e correu por entre a fumaça e os escombros. O som dos gritos o acompanhou.



Baptiste acordou sem ar e suado. Ainda um pouco zozinho, ele tentou pegar o celular e quase o deixou cair no chão do quarto do hotel. Na tela, quatro números brilhavam indicando a hora: 04:03 da manhã.

O sonho ficava se repetindo na mente dele. Ainda dava até pra sentir o cheiro das casas queimando.

Ele puxou uma caixa que estava embaixo da cama e a abriu. Dentro de lá havia uma armadura de combate branca bem lustrada e um cachecol com o símbolo da medicina bordado. Ele separou as botas, passando as mãos pela armação pesada de metal. Cada bota era equipada com um exoesqueleto que aumentava a mobilidade. Baptiste pressionou gentilmente uma junta do exoesqueleto para verificar se ainda funcionava. A confirmação veio na forma de um silvo baixinho. Fazia tempo desde que vestira a armadura pela última vez, mas os ombros dele, já muito familiarizados com o traje, aceitaram com facilidade o peso extra.

Baptiste se arrumou rapidamente e jogou o restante do equipamento por cima do ombro. Antes de sair, ele pegou um isqueiro e começou a queimar o canto da carta que Nguyen entregara. Baptiste observou o símbolo da Talon na extremidade do papel se enrolar e arder até virar cinzas.



A mansão de Vernand Sainclair ficava em um belo e grande terreno. Ela tinha três andares e uma aparência imponente, com telhados pontiagudos, varandas elegantes e contornos ornamentados. Para Baptiste, a casa vitoriana branca quando iluminada pelo sol do meio-dia parecia com uma imagem de algum conto de fadas.

“Você sabia que antigamente isso aqui era um hotel histórico?”, disse Mauga enquanto folheava um guia turístico. Ele ocupava o banco traseiro inteiro do carro. As duas metralhadoras do gigante estavam no chão, logo à frente dele. A pesada armadura de combate que vestia, fornecida pela Talon, fazia um som de metais batendo conforme o carro seguia até o portão principal. Ele não estava mais com a blusa dos papagaios horrorosos, mas continuava de óculos escuros. “Antes disso, a casa era de uma família de políticos famosa, mas todo mundo morreu de forma horrível. Com certeza o lugar é amaldiçoado.”

“Foco”, cortou Nguyen. Ele vestia o mesmo terno escuro e a mesma gravata, tudo impecável. Baptiste estava sentado no banco do carona ao lado de Nguyen e vestia a armadura de combate branca com o capacete no colo. “Eu marquei uma reunião. Então o Sainclair já está nos esperando. Vamos entrar, conseguir o que queremos e sair. Simples assim”, completou Nguyen.

Baptiste olhou para ele: “É raro você vir junto nas missões.”

“Às vezes é preciso resolver os problemas pessoalmente”, respondeu. Ele parou no portão e ergueu um crachá na direção dos sensores. Ouviu-se um breve apito e em seguida os portões se abriram.

Adentrando a mansão, Baptiste notou que havia alguma coisa estranha. Nas instruções que Nguyen entregou dizia que as forças de segurança de Vernand eram parte Talon e parte soldados particulares. Mas não havia nenhum soldado da Talon à vista. Nguyen andava mais à frente com o guia enquanto Baptiste e Mauga cuidavam da retaguarda. Baptiste olhou para Mauga, que anuiu levemente com a cabeça.

O guia se dirigiu a duas portas pesadas e as empurrou, revelando várias fileiras de estantes de livros e meia dúzia de guardas armados, mas nenhum sinal de Vernand Sainclair.

Rápido como um relâmpago, Mauga pulou à frente de Nguyen e ativou um escudo de energia. Baptiste protegeu a retaguarda com o rifle em riste e observou as portas atrás deles se fechando. Os guardas levantaram as armas, mas o primeiro tiro foi de Nguyen, usando uma arma auxiliar que Baptiste nem o viu sacar. Um homem caiu sem fazer barulho algum.

Os tiros inimigos bateram contra o escudo de Mauga, que resistiu firme. Baptiste incapacitou dois guardas próximos com uma série de disparos extremamente hábeis. Em seguida ele se virou e pegou um terceiro antes que este pudesse dar a volta no escudo. Nguyen atirou em mais um e se preparou para mirar no último guarda.

“Espera. Deixa esse aí vivo”, disse Mauga. Nguyen anuiu com a cabeça e ajustou o pulso. A bala atravessou a coxa do homem, que caiu no chão urrando de dor. Mauga desativou o escudo, correu para frente, pegou o homem e jogou-o contra uma estante de livros. Em seguida, pegou o homem pelo pescoço com uma mão só e o levantou no ar.

“E lá se vai o clima de boas-vindas”, disse Baptiste abaixando a arma. O coração dele batia forte. A biblioteca estava em ruínas. “Deixa eu adivinhar. Isso não fazia parte do seu planinho perfeito, não é?”

Nguyen guardou a arma. “Era uma possibilidade”, disse ele de forma direta. Ele parecia profundamente irritado por algo ter dado errado, o que deixava Baptiste secretamente satisfeito. “Esperava que não chegasse a esse ponto. Nossos soldados provavelmente estão mortos.”

“E aí, cadê o seu chefe?”, disse Mauga em tom de conversa para o guarda que ele segurava contra a parede. O homem estava sem ar. “Ah, foi mal. Eu não te ouvi. Deixa eu perguntar de novo”, continuou Mauga enquanto apertava com mais força o pescoço do guarda.

Mauga estava gostando daquilo. Em momentos como aquele, a máscara de cara amigável e falador caía e Baptiste conseguia ver o assassino que Mauga era. Ele disfarçava bem, o que o tornava ainda mais perigoso. Quando entrava nesse modo, só uma pessoa conseguia fazê-lo se acalmar — essa pessoa era Baptiste.

Baptiste se aproximou e apoiou o antebraço na parede. “Solta um pouco, acho que ele está tentando responder”, disse Baptiste em tom de voz suave para Mauga. Baptiste sempre conseguiu acalmá-lo com paciência e as palavras certas, mas isso há muitos anos, e Mauga parecia ainda mais forte que antes.

Mauga fuzilou Baptiste com um olhar que parecia sedento por sangue. A expressão dele não era familiar nem confortável. Por um momento, Baptiste sentiu o pico de adrenalina causado pelo medo. Depois Mauga

sorriu e relaxou um pouco a mão. O guarda puxou o ar, respirando fundo. “Foi mal. E aí, chapa, cadê o Sainclair? A gente quer ele, não você.”

“No escritório... andar de cima”, disse o homem, ofegante.

“Valeu, parceiro”, disse Mauga em tom alegre apertando forte o pescoço do guarda. O homem caiu imóvel no carpete.

“Por que é sempre o andar de cima?”, murmurou Baptiste. Quando ele e Mauga eram companheiros de esquadrão, os dois faziam extrações desse tipo o tempo todo. Sem nem perceber, ele já estava agindo do mesmo jeito que antes, com os mesmos hábitos, seguindo a memória muscular. Até mesmo quando questionavam o guarda.

“Bom trabalho, Baptiste”, disse Mauga colocando a mão no ombro de Baptiste. “Parece até que você nunca foi embora.” Ele parecia orgulhoso.

É disso que eu tenho medo, pensou Baptiste olhando para os cadáveres no chão da biblioteca. Ele olhou para a própria arma. Foi fácil demais voltar a ser o Baptiste de antes. Ele passou vários anos tentando se livrar dos velhos hábitos e, do dia para a noite, eles voltaram ainda mais fortes. Será que era influência do Mauga ou tinha alguma coisa dentro dele que era impossível controlar?

Nguyen pegou um tablet bem fino e exibiu uma planta holográfica da mansão. “Vamos ter que lutar para subir lá. Por sorte, o caminho é bem simples. Só temos que pegar a escada principal.”

“Não tem outro caminho?”, perguntou Baptiste analisando a planta.

“Eu não vim aqui para escalar as varandas”, disse Nguyen. “Eles já sabem que estamos aqui. Temos que ser objetivos e andar logo. Usem o que der como cobertura e não se arrisquem por idiotice.”

“Se arriscar por idiotice? Eu? Nunquinha”, disse Mauga enquanto empunha as metralhadoras gigantes.

Baptiste estudou a planta da mansão, procurando qualquer coisa que parecesse fora do comum. Uma passagem secreta, uma porta escondida... Nada chamava a atenção dele, o que não significava que não existisse.

Homens como Vernand Sainclair sempre tinham uma saída.

“O que foi, Baptiste?”, perguntou Mauga olhando para o colega. “Viu alguma coisa?”

Baptiste tirou os olhos da planta e deu de ombros. “Nada de interessante. Melhor andarmos logo antes que cheguem reforços.”

“Perfeito”, disse Nguyen enquanto passava por cima dos cadáveres estendidos no carpete.



Eles lutaram pelo caminho escadaria acima, pelas colunas decoradas e as estátuas de pedra importadas. Balas destruíam os corrimãos ornamentados. O escudo de Mauga protegia a equipe enquanto os três subiam sem parar. Baptiste e Mauga moviam-se em sincronia. O tempo que haviam lutado lado a lado ajudava. Já haviam passado vários anos, mas tudo voltava rápido, de forma tão natural quanto respirar.

“Eu senti sua falta, sabia?”, disse Mauga em meio ao tiroteio. Ele estava curtindo cada momento da batalha, sentindo a adrenalina. Baptiste também podia sentir a adrenalina correndo pelas veias. “Durante todo esse tempo que você ficou escondido, a gente podia estar fazendo isso. Vai dizer que não sentiu falta também.”

Será que ele sentia? Mais do que queria admitir. Ele passara muitos anos fugindo, mas gostava daquilo. Não de fazer parte da Talon, mas de pertencer a algum lugar, de ter uma equipe ao lado. Foi isso que ele encontrou quando entrou na Coalizão Caribenha e, depois, com o Mauga e o resto do esquadrão. Cuidar das pessoas deixava-o focado, fazia-o sentir-se completo.

No entanto, a Talon era diferente. O que queriam que ele fizesse arrancou-lhe um pedaço da alma. No fim das contas, ele saiu por um motivo, disso ele não esquecia.

“Cuidado com a retaguarda!”, gritou Baptiste, atirando em um mercenário que tinha Mauga na mira.

“Mas esse é o seu trabalho!”, Mauga riu. A arma dele abriu um buraco entre os guardas que se aglomeravam no topo da escadaria, que tiveram que agachar para se proteger. Ele estava totalmente à vontade, sentindo-se em casa. Ele era sempre assim nas missões, parecia um tornado.

Com você na retaguarda, a gente pode tudo, foi o que ele disse a Baptiste certa vez. Você é o melhor médico da Talon. Você me mantém vivo e eu te protejo. Não vai ter quem nos segure.

O escritório de Sainclair ficava no fim de um longo corredor no terceiro andar. As paredes desse corredor eram decoradas com grandes quadros de várias figuras, todas pareciam olhar com indignação para o trio de invasores. O papel de parede era horrível.

Baptiste anuiu com a cabeça para Mauga e seguiu adiante. Nguyen ficou colado à parede oposta. Mauga sorriu e trombou com o ombro na porta, abrindo-a bruscamente.

O escritório era tão decorado quanto o resto da casa. A luz do céu entrava na sala por uma claraboia de vitral, enchendo o chão de formas coloridas. Vernand Sainclair estava sentado atrás da escrivaninha, tremendo e com um revólver nas mãos. Ele era um homem bonito. Vestia um terno de cor bordô e muitas joias de ouro. No entanto, a palidez e o suor em seu rosto estragavam a aparência elegante. “Eu sei por que vocês estão aqui”, disse ele com voz firme. “Eu sei que parece estranho, mas eu juro que sou leal à Talon.”

“Tá bom, vou fingir que acredito”, disse Mauga enquanto levantava uma das armas gigantes e ativava o escudo. Ele abriu um sorriso largo e malicioso.

Sainclair puxou o gatilho duas vezes. As balas ricochetearam no escudo e estilhaçaram os painéis das gigantescas janelas francesas que davam para o pátio.

Baptiste olhou para as janelas e em seguida novamente para Sainclair. “Má ideia”, informou ele a Sainclair enquanto balançava a cabeça.

Nguyen andou cuidadosamente adiante, Mauga protegia-o com o escudo: “Você armou para nós. Você assassinou os homens que estavam aqui fazendo sua proteção”, disse com raiva. Nguyen arrancou a arma da mão de Sainclair e a colocou com força na mesa. “Eu me dei ao trabalho de marcar uma reunião, e você continua sendo uma pedra no nosso sapato. Diz um motivo para eu não botar uma bala na sua cabeça agora mesmo.”

“Eu tenho informações de que vocês precisam!”, disse Sainclair o mais rápido que podia. “Não atira. Eu vou só pegar o tablet com as informações e mostrar para vocês.” Ele esticou lentamente a mão para alcançar o tablet em cima da escrivaninha.

Baptiste continuava mirando em Sainclair, acompanhando cada movimento dele. Sainclair chegou a olhar para o revólver, mas não tentou tomá-lo de Nguyen. Em vez disso, ele ligou o tablet e abriu um arquivo. Um holograma dourado da Terra apareceu, girando lentamente no ar. Em seguida, vários pontos iluminados começaram a surgir ao redor do globo. Conforme a Terra girava, vários retratos apareciam em cima dos pontos iluminados.

Não, pensou Baptiste. Não são retratos. São dossiês.

De repente eles ouviram uma voz estranha. “Agentes, a Overwatch precisa de vocês. O mundo precisa de nós agora mais do que nunca. Vocês estão comigo?”

“Eu recebi essa mensagem três dias atrás”, disse Sainclair. O holograma deixava o rosto dele com um tom dourado. “É um chamado enviado a todos os ex-agentes da Overwatch. Alguém está tentando recriar a organização.”

“Você era da Overwatch?”, indagou Baptiste, incrédulo. Ele nunca tinha visto um membro da Overwatch antes. O grande sonho do Baptiste adolescente, o cartaz de recrutamento pendurado em cima da cama no orfanato, o desejo secreto de que a Overwatch aparecesse e consertasse tudo que havia de errado. Agora, Baptiste estava diante de um daqueles heróis da infância, um homem disposto a sabotar o próprio país para ter lucro e a trair a organização de que fizera parte para não morrer.

“Eu nunca saí em missão. Eu era só um funcionário de baixo escalão, que nem você”, disse Sainclair anuindo com a cabeça para Nguyen. “A Overwatch nunca me deu o devido valor. Aquela organização já tinha começado errado. Quanto mais meu tempo lá passou, melhor pude ver que eles estavam apodrecendo aos poucos.”

“Então você pensou em acelerar o processo?”, perguntou Baptiste de forma incisiva. Nenhuma organização era perfeita, ele sabia disso por experiência própria, mas o intuito da Overwatch era nobre: eles defendiam um mundo que poderia ser mais justo que o atual.

Sainclair não gostou da entonação da pergunta. “Não acho que um agente da Talon tenha o direito de me questionar. Pelo menos o seu pessoal reconheceu o meu valor. Quando a ONU decretou o fim da Overwatch, eu já tinha dado informação suficiente para vocês manterem as atividades por anos e fui pago generosamente por esse serviço.”

Mauga olhou para Baptiste com uma cara já familiar. Eles entraram para a Talon por causa do dinheiro ou por não terem para onde ir.

Já Sainclair era diferente. Ele tivera outras opções. E escolheu acender o fósforo e ver a Overwatch queimar. Agora, ele gesticulava pela vida no escritório luxuoso. “Trabalhando para a Talon eu recebi coisas que a Overwatch nunca me daria. Agora eu tenho uma informação exclusiva para oferecer a vocês.”

Nguyen esticou a mão e girou o globo. Nomes e outras informações importantíssimas de agentes da Overwatch piscavam no ar enquanto o holograma do planeta girava. “O negócio é que...”, começou Nguyen enquanto observava os rostos dos agentes surgirem e desaparecerem no holograma. “Você está partindo

do princípio que nós ainda não temos essa informação. Você acha que é o único ex-agente da Overwatch na nossa folha de pagamento.”

Sainclair ficou branco.

“Realmente não tem mais gente boa nesse mundo”, disse Mauga enquanto pegava a segunda arma após um longo suspiro. “Eu não te falei, Baptiste?”

Mauga já tinha dito essa frase antes. E talvez, quem sabe, ele estivesse certo mesmo.

Sainclair deu um passo para trás e esbarrou na cadeira do escritório. Mauga olhou para Baptiste e abriu um sorriso malicioso. “Beleza. Quem quer fazer as honras? Que tal você, parceiro? Mostra pro Nguyen que eu estava certo sobre você.”

Nguyen ergueu uma sobrancelha e olhou para Baptiste. Ele estava observando. Todo mundo estava observando, querendo saber o que Baptiste faria.

Baptiste passou pela mesa e foi em direção a Sainclair. “Eu sei o que você merece”, disse ele calmamente enquanto erguia o rifle. O rosto desesperado de Sainclair estava na mira. Ele implorava pela vida, mas Baptiste parecia não ligar.

Um tiro e muitos erros seriam corrigidos. Sainclair havia causado muito estrago e se recusava a ajudar tantas pessoas em necessidade. Ele era o motivo da clínica ter dificuldades com a falta de remédios e da vizinhança sofrer com a falta de tratamento médico. No entanto, uma bala na cabeça dele consertaria isso? Baptiste nunca havia conseguido executar um homem a sangue frio, nem quando era da Talon. Apertar o gatilho seria um passo além de voltar para a vida que ele tinha jurado abandonar para sempre. Seria um passo em um caminho sem volta.

E um passo que ele não estava disposto a dar.

Baptiste fechou a mão na granada de clarão que levava no cinto. Em poucos instantes, percebendo o que Baptiste estava prestes a fazer, Nguyen arregalou os olhos. Baptiste jogou a granada de clarão no chão e uma forte luz encheu a sala, ao que se seguiu um barulho ensurdecedor, abafando todo o som que Nguyen e Mauga pudessem fazer.

O médico pegou o tablet da mesa e enfiou-o na jaqueta. Também agarrou Sainclair pela cintura, ignorando os gritos desesperados do infeliz. “Segura firme”, disse Baptiste enquanto ativava o exoesqueleto das botas. A armação fez um barulho de clique e potencializou o salto de Baptiste, que mirou no vitral da claraboia. Ele ergueu o braço para proteger o rosto.

Baptiste ouviu um barulho de tiro, sentiu uma dor no braço esquerdo e quase soltou Sainclair. Ele não precisava olhar para saber quem havia atirado e que tinha sorte de estar vivo. Baptiste e Sainclair atravessaram o vitral da claraboia e caíram rolando pelo terraço junto com uma chuva de cacos de vidro coloridos. Dali era possível ver uma floresta densa e extensa nos fundos da mansão de Sainclair. A floresta parecia ser uma boa oportunidade.

Não havia tempo para descanso. Baptiste segurou Sainclair com firmeza e saltou do terraço em direção às árvores. Meio segundo depois, o teto onde eles estavam foi destruído por uma saraivada de balas. Baptiste caiu em meio às árvores, batendo em inúmeros galhos pelo caminho. Sainclair começou a exigir alguma coisa,

mas Baptiste tapou-lhe a boca com a mão. “Nem uma palavra”, ele sussurrou. De olhos arregalados, Sainclair anuiu com a cabeça, e só então Baptiste se arriscou a olhar para trás.

Mauga estava na janela, vasculhando as árvores com os olhos. Todos os painéis de vidro tinham sido destruídos por disparos das enormes armas do gigante. “Baptiste”, ele chamou. “Eu só quero conversar, parceiro.” Ele fixou brevemente os olhos nos arbustos que cobriam Baptiste, fazendo o médico prender o ar. Foram os segundos mais longos da vida de Baptiste.

Nguyen se aproximou e gritou algo que Baptiste não conseguiu entender. Ele parecia desconcertado e furioso. Nguyen e Mauga trocaram olhares por alguns instantes, em seguida Nguyen guardou a arma no coldre e desapareceu.

“Você só está piorando a sua situação”, disse Mauga de cima da janela. Ele deu as costas para a janela e Baptiste andou silenciosamente mais para dentro dos arbustos. Sainclair na cola.



Quatro anos atrás:

Os pulmões de Baptiste doíam com a fumaça. Ele se agachou na beirada de um barco de pesca e desamarrou a corda que prendia a embarcação. A doca estava tranquila, mas a água refletia o brilho laranja distante das chamas.

“Não vai me dizer que você já está indo embora”, disse uma voz familiar, que fez Baptiste congelar. “A festa só está começando.”

Mauga estava sem capacete do outro lado da doca. A armadura dele estava chamuscada e com marcas de bala. O rosto estava preto de fuligem, contrastando com o largo sorriso branco. As armas apontavam para Baptiste. Atrás dele, Monte Cristi queimava.

Baptiste se ergueu de forma lenta e cautelosa. “Eu não vou voltar para lá”, disse. “O Cuerva disse que não mataríamos civis.”

Mauga balançou a cabeça. “E você foi ingênuo o suficiente para acreditar nele? Dá uma olhada ao seu redor, Baptiste. É isso que a gente faz.” Ele abriu os braços. “Lembra de Makati? E daquela vez em Singapura? Du você convenientemente se esqueceu de como foi?”

“O Cuerva tinha dito que essas missões eram honestas”, respondeu Baptiste, hesitante. Ele sempre soube a verdade, só não queria acreditar nela. E, a julgar pela expressão de Mauga, ele também sabia.

“Claro que ele disse isso. E claro que não eram honestas coisa nenhuma. Mas e daí? A gente já está muito envolvido nisso, Baptiste.” Por um momento, todo o jeito extrovertido e chamativo de Mauga havia sumido. Eram só os dois ali, sem nenhuma plateia além do reflexo de ambos na água. Ele falou de forma tranquila. “Não tem gente boa no mundo. Nem você, nem eu. Só o que a gente pode fazer é se divertir sempre que a chance aparece.”

Nada daquilo era divertido. Matar, pilhar, nada disso era divertido. A única coisa que Baptiste sentia era um sentimento de nojo e pavor.

Mauga andou pela doca em direção a Baptiste. Baptiste sacou a arma e a apontou para Mauga, que parou. “Eu não vou voltar para lá”, repetiu. “Você vai ter que me matar antes.”

Os dois ficaram calados. Por um longo tempo, o único som que podia ser ouvido era o das ondas quebrando e o som distante das chamas. O fone de Baptiste chiou e, pelo jeito com que Mauga inclinou a cabeça, era possível perceber que ambos estavam recebendo a mesma mensagem.

“Tenente Augustin, responda!”, ordenou Capitão Cuerva. “Mauga, já encontrou ele?”

O coração de Baptiste disparou. Ele não queria atirar em Mauga, mas, mesmo que atirasse primeiro, não daria para lutar contra o esquadrão inteiro depois. Se Mauga o entregasse, já era. Ele estaria morto.

Mauga e Baptiste se encararam por um longo momento, até que, enfim, Mauga pressionou o fone. “Nenhum sinal dele aqui, Capitão”, disse devagar. “Estou voltando. Câmbio.”

“Entendido”, respondeu Cuerva, e o fone ficou mudo.

Mauga baixou as armas. “Eu sei que você não vai atirar em mim, Baptiste. Pode baixar o rifle.”

Baptiste não baixou o rifle. “Por que você fez isso?”

Mauga deu de ombros. “Eu gosto de você, Baptiste. Você tem alguma coisa especial. E eu não estava a fim de carregar o seu cadáver o caminho todo de volta. Você é pesado demais.” Mauga se espreguiçou e continuou: “Agora vai logo. Só não esquece que você está me devendo. Quando estiver pronto para voltar para casa, é só me ligar”.

Baptiste recuou, mantendo Mauga no campo de visão. No entanto, Mauga havia sido sincero e não tentou impedi-lo. “Obrigado”, disse Baptiste baixinho. Ele não sabia se Mauga tinha ouvido, mas também não estava disposto a ficar lá para se certificar. Ele deu a partida no motor do barco e se afastou da doca, deixando Mauga de pé na margem.



Baptiste conseguiu despistar todos que o perseguiam e chegar ao cais. Nem as forças de segurança de Sainclair, nem Mauga, nem Nguyen conheciam a cidade tão bem quanto ele. Pelo menos Sainclair havia parado de resistir ao perceber que Baptiste era a única chance de ele escapar daquela situação com vida.

Baptiste entrou escondido em um armazém e Sainclair seguiu-o de forma desengonçada. O ombro de Baptiste doía bastante por conta do tiro que Nguyen acertara. O médico usara o cachecol para fazer um curativo improvisado. Baptiste andou por entre caixas de café e mangas até se deparar com um barril azul

nos fundos do lugar. Ele abriu a tampa e pegou uma bolsa que tinha escondido ali pelo começo da manhã, horas antes de se encontrar com Mauga e Nguyen.

Ele deixou Sainclair escondido atrás de uns contêineres grandes com uma garrafa d'água e disse, com o pé em cima de uma caixa próxima: "O negócio é o seguinte: eu vou mandar uma pessoa vir te buscar daqui algumas horas, quando tudo estiver mais calmo. Essa pessoa vai ajudar você a sair da cidade. Em troca, você vai ajudar todas as clínicas do país com tudo que elas precisarem sem cobrar nada. Que tal?"

Sainclair estava fora de si. Ele não parecia estar registrando nada do que Baptiste dizia. Ficar tão perto assim da morte faz isso com um homem, refletiu o médico.

Baptiste estalou os dedos na frente do rosto de Sainclair, que deu um pulo. "Ei. Você está me ouvindo?"

Sainclair voltou a falar. "O que você quiser. Só me tira daqui com vida."

Baptiste deu de ombros. "Aí é com você. Eu prefiro acreditar que você é um homem de palavra, mas, se você não cumprir com o nosso acordo, eu vou deixar a Talon te pegar."

Quando Baptiste se virou para sair, Sainclair levantou a voz: "Por que você não me matou lá na mansão?"

Baptiste parou por alguns instantes. "Você não valia a pena", respondeu e em seguida saiu do armazém.

Vários barcos de pesca comerciais estavam parados no cais, balançando gentilmente com o movimento das águas. Perto dos barcos havia umas pilhas de caixas, prontas para serem carregadas. Baptiste seguiu em direção aos barcos particulares e escolheu um no final de uma fileira de estações de carregamento por fusão. Esses barcos flutuavam logo acima da água, fazendo pouquíssimo barulho.

"Eu acho que já vi essa cena antes", disse alguém atrás de Baptiste. Mauga andava pelo píer, o sol refletindo na armadura dele. Pelo jeito que o gigante segurava as armas, elas pareciam pesar menos que uma pluma. Baptiste conhecia aquele tom diferente na voz de Mauga. Era a voz que vinha depois da adrenalina do combate. "Eu já te deixei ir uma vez, Baptiste. Você sabe que não posso deixar de novo."

Baptiste, que ainda estava com o corpo em alerta, cheio de energia, virou-se para Mauga. "Cadê o Nguyen?"

Mauga deu de ombros. "Sei lá. Provavelmente lá na mansão arrumando a bagunça. Decepcionado com todos ao redor dele, como sempre. Eu sempre digo que ele ainda vai acabar ficando travado com aquela expressão para sempre na cara." Mauga ergueu a arma, e Baptiste correu para se proteger. As balas vararam o concreto e destruíram algumas caixas próximas. Várias mangas voaram, sujando Baptiste, que agachou atrás de um contêiner.

Baptiste segurava o rifle com firmeza. Mauga não estava para brincadeira. "Eu achei que você queria me levar de volta para a Talon vivo", gritou.

"Eu quero", respondeu Mauga. A voz dele estava de novo cheia de adrenalina e violência. "Mas primeiro eu tenho que te convencer mais. Você ainda pode vir por bem."

"Nunca achei que eu ouviria você dizer isso", disse Baptiste. Ele arriscou esticar a cabeça para fora do contêiner e dar uma olhada ao redor, mas foi recebido com outra saraivada de balas. Estava com o coração batendo cada vez mais rápido enquanto contava quanto ainda tinha de munição. Aparentemente, bem menos do que Mauga.

“A propósito, eu fiquei sabendo do que aconteceu com o Capitão Cuerva e os rapazes. É uma pena, de verdade”, gritou Mauga. Os passos pesados ecoavam cada vez mais próximos de Baptiste.

Os antigos companheiros de esquadrão dos dois haviam cometido o erro de ir atrás de Baptiste um por um. Ele havia deixado Cuerva por último.

“É mesmo?”, indagou Baptiste ofegante encostado no contêiner.

Mauga encaixou outro cinto de balas nas armas, fazendo um estalo metálico alto. “Zoeira, eu nunca gostei dele.”

Baptiste xingou quando viu mais balas destruindo uma mureta de concreto próxima. Cartuchos de bala caíam aos montes perto dele. Não tinha como chegar a um barco de onde ele estava e o tempo era curto. Logo, logo as forças de Sainclair alcançariam os dois.

De repente, Baptiste sentiu alguma coisa redonda e fina batendo nas costas. Ele tirou a bolsa do ombro. Espera aí. Ele abriu a bolsa e a vasculhou rapidamente, pegando um aparelho com formato de disco. Era algo em que estava trabalhando havia meses, e era apenas um protótipo, mas talvez...

“Não atira!”, gritou Baptiste. “Eu estou saindo!” Ele esticou o braço para fora do contêiner e prendeu a respiração. Os tiros cessaram e Baptiste saiu lentamente de trás do esconderijo.

Mauga estava de óculos escuros a poucos metros de distância. As armas continuavam apontadas para Baptiste. A brisa do mar mexia o cabelo do gigante, e ele exibia o costumeiro sorriso de orelha a orelha. “Finalmente recuperou o juízo, parceiro?”

“Na verdade, não”, disse Baptiste enquanto puxava o rifle de trás do contêiner. Ele jogou o disco no ar e descarregou a arma na estação de carregamento por fusão ao lado de Mauga.

A explosão resultante criou uma onda de choque. O meio do píer foi pelos ares, fazendo chover pedaços de concreto na baía. Alguns pedaços caíram em cima dos barcos, fazendo-os emborcar. Gaivotas alvoroçadas se espalhavam gritando pelo céu.

Quando a fumaça se dissipou, Mauga já não estava mais à vista. Baptiste estava em uma ponta do píer, ferido, porém respirando. O protótipo flutuava no ar fazendo um ruído fraco e emitindo um campo de energia protetor ao seu redor. Foi esse campo que manteve Baptiste vivo.

“Bom saber que funciona”, disse Baptiste aliviado, e em seguida apertou um botão na parte de cima do dispositivo. O protótipo desligou e o campo de energia desapareceu. Ele pegou o disco e seguiu cambaleando para um dos barcos restantes, um iate de luxo no fim do píer. O Sainclair estava escrito em negrito no casco da embarcação.

Baptiste cortou a corda que prendia o barco e desconectou o cabo de carregamento com facilidade. Com mais facilidade ainda, fez uma ligação direta. Baptiste colocou as mãos no timão e olhou por cima do ombro. O cais estava vazio, nenhum sinal de Mauga ou de tropas mercenárias.

“E lá se vão minhas férias”, resmungou. Guiado pela mão experiente de Baptiste, o iate se afastou do píer e seguiu rumo ao mar.



Baptiste navegou para longe de Porto-da-Paz por uma hora até que finalmente decidiu relaxar. O motor do iate vibrava enquanto a embarcação cortava as águas. O mar se estendia por todos os lados até onde dava para ver, um azul infinito. A brisa do mar tinha cheiro de liberdade.

Baptiste tirou a armadura de combate e puxou o kit de primeiros socorros da bolsa. Ele estava mal, mas ia sobreviver. “Não perdi o jeito”, pensou em voz alta, procurando as linhas de sutura no kit. “Que nem aquela vez em Makati.”

Enquanto Baptiste vasculhava o frigobar do iate de Sainclair, ele sentiu o telefone vibrar. Surpreso, o médico olhou para o celular e percebeu que estava com sinal. Baptiste sentou-se com o telefone na mão enquanto pensava no que dizer para Roseline. Ela descobriria em breve o que acontecera com Sainclair, isso se já não soubesse. Ele queria falar muitas coisas para ela, mas quase nada era seguro. A Talon provavelmente monitorava os meios de comunicação da doutora na tentativa de rastrear Baptiste. Ele não podia dizer para ela quando voltaria para casa nem para onde estava indo.

Por fim, ele escreveu uma mensagem e apertou o botão de enviar.

Oi, Rose. Deixei o Sainclair num armazém nas docas. Ele prometeu fornecer tudo para a clínica de graça em troca de uma passagem de avião para fora da cidade. Manda alguém lá para buscá-lo e resolver isso. Se ele ficar de mimimi, fala para ele lembrar que temos um acordo.

Baptiste hesitou, mas acabou enviando mais outra mensagem.

Se cuida, tá bom?

Com sorte, a Talon não iria atrás dela nem das outras pessoas. Baptiste se lembrou na hora de Monte Cristi em chamas. Não, o mais provável era que eles manteriam a clínica sob vigilância, esperando que Baptiste voltasse lá para ver como tudo está. Demoraria muito tempo até um possível retorno ser seguro.

Baptiste pensou em Mauga e no píer destruído. Não havia nenhum sinal dele, mas, conhecendo bem Mauga, ele provavelmente ainda estava vivo. Talvez fosse insensato, mas Baptiste tinha uma esperança secreta de que Mauga tivesse sobrevivido.

Baptiste ligou o tablet de Sainclair e o globo holográfico surgiu, seguido de perfis de agentes da Overwatch. Os nomes verdadeiros, os codinomes, as características. Ele girou o globo com o dedo, lendo os arquivos. Então viu um rosto conhecido aparecer no Oriente Médio: era uma mulher loira que ele tinha encontrado certa vez numa missão humanitária na Venezuela. Eles trabalharam juntos por quase uma semana, até que Baptiste teve que partir. Alguma coisa no jeito calmo, seguro e firme dela lembrava-o de Roseline. O arquivo dela na Overwatch dizia: MERCY. ID de agente: 3945_46. Nome verdadeiro: Dra. Angela Ziegler. Estado: inativa.

Ele se lembrou da Mercy dos cartazes de recrutamento. No entanto, a agente da Overwatch que se alçava aos céus do campo de batalha com asas douradas parecia muito diferente da Dra. Ziegler, que dava duro para tratar das pessoas em sofrimento em uma tenda médica improvisada. Se ela era uma ex-agente da Overwatch, então certamente ela também havia recebido o chamado.

Baptiste apertou no ponto brilhante que marcava a última posição conhecida da doutora no mapa. Ele achou que a Overwatch estivesse acabada, mas talvez estivesse errado. Se a Talon estava atrás da Dra. Ziegler, ela tinha o direito de saber. Ele precisava de ajuda para rastrear a doutora e, por sorte, sabia exatamente a quem pedir.

Baptiste abriu um aplicativo criptografado no celular, digitou a senha e apertou o botão de fazer a ligação no canto inferior da tela. Ele ouviu chamar duas vezes apenas e em seguida foi atendido por uma voz familiar.

“E aí, mi hijo. Há quanto tempo.”

“E aí, Sombra”, disse ele enquanto olhava o perfil da Dra. Ziegler. “Pode me fazer um favor?”

+

FIM







BILZARD[®]
ENTERTAINMENT